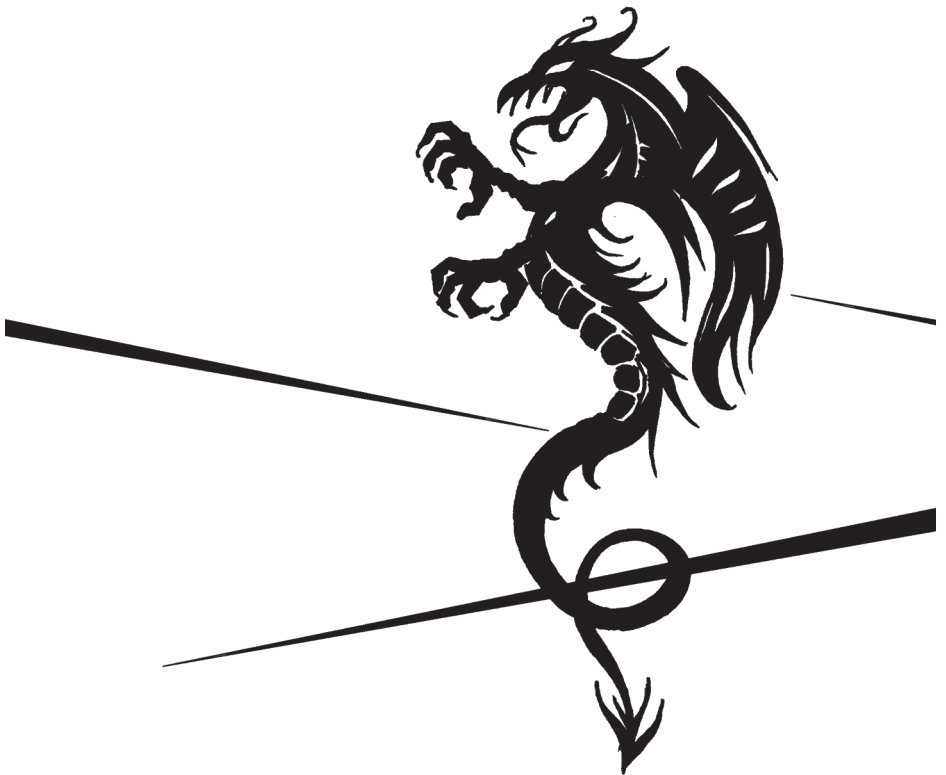


Capítulo 2

Bons e maus encontros



Nenhum deles tinha pensado como seria a casa do professor. Pelo caminho falaram sobretudo da terra, que não conheciam.

— É Condeixa. Condeixa-a-Nova, perto de Coimbra.

— Nunca lá fui.

— Nem eu.

Como de costume, Chico foi o primeiro a impacientar-se.

— Ainda falta muito para chegarmos?

— Nem por isso. Calma.

Quando finalmente pararam diante da porta, nem queriam acreditar no que viam.

— Isto não é uma casa, é um palacete.

— Nunca pensei que o professor Jorge fosse tão rico.

A cara risonha e agradável que tão bem orientava as aulas de Educação Física apareceu-lhes à janela e foi logo informando

— Se julgam que sou milionário, esqueçam. É uma casa de família e pertence a imensos primos. Por sorte, sou um deles! — pelos vistos, tinha ouvido o que diziam na rua e apressou-se a recebê-los. — Entrem! Estávamos à vossa espera.

Mal puseram os pés na sala de entrada, que era grande e fresca, deram de caras com uma rapariga alta e magra, nem bonita nem feia, de cabelo curto, que mordida o lábio inferior como quem está em stress.

— É a minha irmã Beatriz.

Ela sacudiu-lhes os braços com fortes apertos de mão, olhou-os de alto a baixo sem cerimónia e fixou-se no Chico.

— Deves ser tu que vens para gladiador.

— Sou.

— Então o Jorge vai dar-te já uma série de instruções sobre a maneira de lutar. Depois fazes um treino com o artista substituto quando ele aparecer. Porque o rapaz que eu costumo contratar sempre foi pontual, mas desta vez faltou.

As últimas palavras já foram ditas aos berros e o irmão tentou acalmá-la.

— Não te enerves, Beatriz, não vale a pena.

Em vez de acalmar ficou mais irritada.

— Como é que queres que não me enerve? Tudo combinado e afinal falta? Isto não se faz.

— Se calhar está doente.

— Qual doente, qual nada! Foi mas é para outra festa romana noutro sítio qualquer onde lhe pagaram mais. Porque anda toda a gente a imitar aquilo que eu faço.

— Se imitam é porque o que fazes é giro.

— Deixa-me. Vai mas é dar a lição ao teu aluno. Como é que ele se chama?

— Chico — responderam várias vozes em coro.

— Então toca a andar para aprenderes como se atira a rede para cima do inimigo.

O treino era num pátio e tiveram que se separar. O Chico seguiu com o professor, eles ficaram com a Beatriz sem saber bem o que fazer e, como ela estava maldispostíssima, mantiveram-se calados, à espera de ordens. *Faial* e *Caracol*, sentados nas patas traseiras, aguardavam também que lhes dessem ordens. Cheios de sede e fartos de imobilidade, ansiavam por ir lá para fora e encontrar uma fonte onde mergulhar o focinho. Mas, sendo cães educados, limitavam-se a arfar e a olhar para os donos.

Beatriz apercebeu-se e tomou a iniciativa.

— Vou soltar os cães no jardim e levar-vos aos quartos. Tragam as mochilas.

Assim que abriu a porta *Faial* e *Cara-col* dispararam numa correria por cima da relva diretos a um pequeno lago redondo com peixes vermelhos. O grupo seguiu Beatriz para o andar de cima, onde havia um corredor muito comprido com portas de um lado e de outro a dar passagem para quartos estupendos.

— Os rapazes ficam neste que tem três camas. Vocês só precisam de duas, podem ficar no seguinte.

Parecia mais serena e levou-os a um compartimento ao fundo do corredor que estava transformado em armazém de roupa porque, em vez de mobília, só tinha varões com máscaras do tempo dos romanos penduradas em cabides.

— Experimentem e escolham o traje que vos servir.

— Hei! Já não me lembrava que os fatos dos romanos eram assim — disse o João, olhando as túnicas de vários tamanhos e franzindo o nariz.

Ela deu uma gargalhada.

— Ai esta gente nova tem memória curta! Deixa-te de esquisitices, que estas túnicas são giríssimas tanto para homens como para mulheres e crianças.

— E os gladiadores também se vestiam da mesma maneira?

— Soldados e gladiadores tinham trajes especiais. Mas esses estão noutra sala. Vocês depois veem.

As gémeas já tinham desaparecido pelo meio das roupas e hesitavam entre trajes de cor e trajes brancos. Pedro e João olhavam para os cabides a avaliar as fatiotas. Beatriz aguardava, mas uma empregada entrou e avisou:

— Chegaram umas pessoas que dizem ter sido contratadas para a festa, mas não me pareceram grande coisa, por isso pedi-lhes que esperassem lá fora.

Beatriz desceu a recebê-los e o grupo partilhou as desconfianças da empregada logo que se encontraram frente a frente com os recém-chegados, pois tinham um aspeto horrível.

— Não parecem atores nem figurantes — comentaram as gémeas em surdina.

— Que tipos esquisitos.

Pedro observou-os de soslaio. A Beatriz só tinha falado num gladiador, mas afinal contratara dois homens e duas mulheres. E todos de fugir aos gritos.

«Se me dissessem que fazem parte de um gangue, não me admirava nada», pensou.

Beatriz controlava-se para não mostrar o desagrado porque, se pudesse, dispensava-os imediatamente. Mas precisava de gente para atuar e em cima da hora não arranjava mais ninguém

— Qual de vocês vem para fazer de gladiador?

— Ambos temos prática de combate, mas fico eu — declarou o mais corpulento.

— Pode tratar-me por *Dragão*, que é a minha alcunha.

A alcunha não podia assentar-lhe melhor pois era uma bisarma e tão feio que se lançasse jatos de fogo pela boca ninguém estranharia. Alto, largo de ombros, com músculos salientes, braços e pescoço cobertos de tatuagens e expressão agressiva, metia medo.

— Achas que trabalha num circo? — perguntou a Luísa à irmã. — Será domador de leões?

— Não, porque os leões morriam de susto. Se trabalha nalguma coisa, deve ser a assaltar casas.

— Ainda vamos ter problemas, sabes? Porque não acredito que este mostrengo aceite fingir que é vencido pelo Chico.

Conversavam à parte. Pedro e João, que também não conseguiam tirar os olhos daquela gente, sentiam a desconfiança aumentar.

— Será que dormem aqui em casa?

— Se dormirem é melhor fecharmos a porta do quarto à chave para não ficarmos sem carteira.

— Pois...

O *Dragão* foi levado pela empregada até ao pátio onde o professor Jorge se ocupava dos treinos. O outro, que também tinha o corpo coberto de tatuagens mas em forma de patas de animais, patas com garras como as das águias, informou-os de que a sua alcunha era *Patada* e arreganhou a dentuça numa espécie de sorriso que mais parecia uma careta. As mulheres até eram elegantes. Talvez não fossem feias, mas tinham conseguido ficar horrendas pela maneira como se arranjavam. Uma trazia o cabelo cortado às tesouradas, com madeixas roxas, vermelhas,

QUAL DE VOCÊS
VEM PARA FAZER
DE GLADIADOR ?

EU ! PODE
TRATAR-ME POR DRAGÃO,
QUE É A MINHA ALCUNHA.



amarelas, e sobre a testa um bico de cabelo preto que lhe dava um certo ar de bruxa maligna. Em vez de se apresentar, apontou o nome escrito na camisola, *Isca*. A outra, magríssima, tinha um pescoço que parecia esticado à força e uma voz esganiçada, que combinava bem com a alcunha pois disse chamar-se *Bérria*.

— Se estes tipos em vez dos nomes dizem as alcunhas, talvez tenham alguma coisa a esconder. Não percebo como é que a Beatriz os contratou.

— Aposto que nunca os viu. Deve tê-los contratado pela internet e estar bem arrependida, porque parecem mesmo o tipo de pessoas que adoram armar confusão. Não se cheguem muito a eles, hã? É preferível evitá-los — aconselhou o Pedro.

— O Chico não pode.

— Não pode enquanto durar o espetáculo. Mas depois, nada de conversas, nada de convívios. Deve estar muita gente na festa. O melhor é afastarmo-nos deles e misturarmo-nos com o público.

Beatriz aproximou-se visivelmente perturbada. Para não a aborrecerem as gémeas mudaram de assunto e perguntaram:

— A festa romana é mesmo no centro de Condeixa? Nas ruas antigas?

Ela voltou a sorrir, como sorrira no vestiário.

— Não, minhas queridas. A festa é numa cidade que os romanos construíram aqui muito perto, há mais de dois mil anos.

— E ainda está de pé?

— Esteve durante séculos e séculos. Depois, quando foi abandonada, começou a desmoronar-se, ficou soterrada e desapareceu. Mas como parte das muralhas ficaram à vista, percebeu-se que talvez valesse a pena fazer escavações e, a pouco e pouco, foram aparecendo as ruínas dessa bela cidade.

— Que se chama Conímbriga — disse o Pedro. — Os meus pais levaram-me lá em pequeno, mas já não me lembro bem.

— A partir de hoje nunca mais esqueces porque vais ver Conímbriga a várias horas do dia e da noite, povoada de romanos como noutros tempos.

— Só romanos? É proibido vir à festa com roupas normais?

— Não, que ideia! Cada um vem como lhe apetece. Eu contrato algumas pessoas

para se mascararem e criar ambiente, mas há imensa gente que já improvisa fatos daquele tempo porque acha graça. É uma festa fabulosa.

Ergueu as sobrancelhas e, talvez a pensar nos estranhos que contratara pela Internet, suspirou.

— Espero que corra tudo bem e não haja problemas. Nunca houve, vamos lá a ver se este ano ninguém estraga o programa.

Dissera as últimas palavras em voz alta, a olhar para o teto, como se se tivesse esquecido de que eles estavam ali. Coçou a ponta do nariz, o queixo, os cotovelos e, sempre alheada, voltou a suspirar. Depois, muito séria, avisou:

— Preparem-se para uma experiência extraordinária, porque nas ruínas dos locais onde viveu gente pairam mensagens que as pessoas de outros tempos lá deixaram. Incompletas, confusas, que muitas vezes não entendemos. Mas se nos caçam, levam-nos a fazer coisas que nunca pensamos fazer. O resultado pode ser simples ou banal, mas também pode ser complicadíssimo, envolver riscos e até descobertas fantásticas. Acreditem em mim, lembrem-se

do que vos digo e prestem atenção ao que vos rodeia.

A conversa pareceu-lhes exótica, fantástica. No entanto, a ideia de que pudessem existir mensagens invisíveis a pairar nas ruínas era aliciante.